

Para pesquisador, Piauí era parte de Atlântida

O arqueólogo Gabriele Baraldi fez esta afirmação ao jornal Estado de S. Paulo, em 1983.

**Da Redação
Via Fanzine**



Gabriele Baraldi

O falecido pesquisador italiano Gabriele D'Annunzio Baraldi, que realizou diversas e ousadas pesquisas arqueológicas, foi matéria do Jornal Estado de S. Paulo no dia 17 de Julho de 1983. Em artigo assinado por Leonardo Mourão, Baraldi afirmou acreditar que o estado do Piauí e algumas ilhas atlânticas brasileiras tivessem feito parte do antigo continente de Atlântida.

Atlântida, como nome indica, e seria uma grande faixa de terras que estaria localizada onde hoje está o oceano Atlântico. O lugar é citado na obra do filósofo Platão, que o tornou público e teria sido um continente bastante desenvolvido, que sucumbiu à alguma espécie de cataclismo, sendo encoberta pelas águas do oceano Atlântico.

Para o professor Baraldi, sob as rochas do Parque Nacional de Sete Cidades, a 26 quilômetros de Piripiri no Piauí podem estar escondidas as mais importantes pistas sobre a existência de Atlântida o continente desaparecido.

Localizada no mesmo ponto onde há dezenas de milhares de anos se erguia a maior cidade daquele continente. Sete Cidades tem em seu subsolo ruínas de casas e construções onde pode ter vivido parte da extinta civilização Atlante; segundo acredita Gabriele D'Annunzio Baraldi que tentou sensibilizar autoridades a apoiar uma pesquisa no local.

- Leia reprodução da matéria do Estado de S. Paulo no site oficial de Gabriele D. Baraldi:

www.gabrielebaraldi.arq.br

* * *

Bom Despacho:

Descoberta peça arqueológica muito antiga

Calcula-se que a peça de cerâmica (igaçaba) tenha cerca de 1.500 anos.

**Por Jacinto Guerra*
De Bom Despacho-MG
Para Via Fanzine**



A urna de cerâmica ainda parcialmente enterrada.

Na Extrema, zona rural de Bom Despacho, próxima do rio São Francisco, foi encontrada uma peça arqueológica – grande e belo vaso de cerâmica. É uma *igaçaba*, contendo fragmentos de ossos, além de parte de uma arcada dentária, aparentemente de indivíduo jovem, porque os dentes encontram-se muito bem conservados.

Em comparação com a *igaçaba* encontrada em 1991, na Fazenda Indaiá, a poucos quilômetros da cidade, a *Igaçaba da Extrema* é, também, uma peça arqueológica de primitivos habitantes de nossa região, em época muito anterior à Descoberta da América. Estima-se que os achados arqueológicos de Bom Despacho são muito antigos, com idade aproximada de 1.500 anos. É o que revelam os primeiros estudos de arqueólogos do Museu de História Natural da UFMG, ainda sem confirmação oficial pela técnica de datação com o Carbono 14.

A *Igaçaba da Fazenda Indaiá*, uma das primeiras obras tombadas pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, desde sua instituição em 1997, encontra-se em exposição no Museu da Cidade e, no ano 2000, participou em Belo Horizonte da *Grande Exposição dos 500 Anos da Descoberta do Brasil*, promovida pelo Ministério da Cultura.

Com autorização do IPHAN-MG – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a *Igaçaba da Extrema* foi retirada de um terreno de encosta, de onde se descortina bela paisagem do pequeno povoado e da Fazenda Boa Vista, cujo proprietário é Dermivaldo Araújo, morador no Engenho do Ribeiro.



À esquerda, urna de cerâmica encontrada em Bom Despacho-MG.

Como sempre acontece nesse tipo de descoberta, a nova igaçaba que enriquece o Patrimônio Cultural de Bom Despacho foi encontrada por acaso, quando Alex Araújo, estudante de Engenharia Ambiental, dirigia um trator que arava a terra para o plantio de pastagem para o gado.

A primeira visita ao local da descoberta para verificação e registro fotográfico foi realizada pelo major Carlos Botelho, que possui um sítio na Extrema, e pelo empresário Julio Benigno Fernández, presidente da AMC-Associação Museu da Cidade. Com as informações desse grupo pioneiro, a museóloga Nilce Coutinho, diretora do Museu, dirigiu-se ao IPHAN, em Brasília, solicitando orientação a respeito do assunto, uma vez que os bens encontrados no subsolo são propriedades da União e constituem patrimônio cultural do País.

Com autorização do IPHAN-MG para o resgate da igaçaba, formou-se uma equipe de voluntários do Museu da Cidade, coordenada pela museóloga Nilce Coutinho e integrada pelo major Carlos Botelho, professor Jacinto Guerra, Kayo Lima Peixoto, restaurador, e Giselle dos Santos Moreira, profissional de Turismo e funcionária da Prefeitura de Bom Despacho.

Juntou-se à equipe do Museu o fazendeiro Dermival de Araujo e seu irmão Carlos Humberto, além de trabalhadores da fazenda e alguns moradores do lugarejo que, numa verdadeira “força-tarefa”, conseguiram ao longo dia resgatar, sem qualquer dano, a

importante peça arqueológica. Foi um acontecimento histórico acompanhado com emoção por todos os presentes.

Em seguida, a *Igaçaba da Extrema* – mais uma relíquia da cultura de Bom Despacho – foi conduzida para o Museu da Cidade, como testemunha da vida e de costumes dos nossos primitivos antepassados, que aqui viveram no amanhecer da civilização.

Com este ato simbólico, prestamos nossa homenagem à memória de homens e mulheres que viveram antes mesmo das tribos indígenas que povoavam o Brasil, mas que já conheciam a arte da cerâmica e eram caçadores e coletores dos frutos da natureza, iniciando a longa e misteriosa marcha da humanidade nos caminhos do futuro.

*** Jacinto Guerra** é professor e escritor, formado em Letras pela UFMG, foi pesquisador do Memorial JK e fez diversos cursos de Museologia promovidos pelo Ministério da Cultura. É autor de vários livros, entre os quais *Gente de Bom Despacho – histórias de quem bebe água da Biquinha* (Thesaurus, Brasília, 2003) e colaborador do jornal Via Fanzine.

- Fotos: Museu da Cidade. (www.bomdespachomg.com.br/museudacidade.php).

- Produção: Pepe Chaves.

© Copyright 2004-2009, Pepe Arte Viva Ltda.

Publicado em: http://www.viafanzine.jor.br:80/site_vf/pag/arqueologia2.htm